

6. Considerações Finais

Em 2011 têm início uma série de manifestações populares na Síria que acabam por se desenrolar em um conflito violento no país. Até o presente momento há o relato de dezenas de milhares de vítimas desse conflito, sem previsão de ter uma solução. O fator “crise na Síria”, fora apenas o começo da pesquisa. Desde o início do conflito na Síria a comunidade internacional demonstrara o ímpeto de tentar pôr fim ao mesmo. Dessa forma, já em 2011 os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas apresentaram alguns esboços de resolução para o caso em questão. Entretanto, três esboços de resolução foram vetados pela Rússia e pela China. O primeiro esboço a ser vetado, S/2011/612, é em 04 de outubro de 2011, o segundo a ser colocado em votação, S/2012/77, é em 04 de fevereiro de 2012, e o terceiro, S/2012/538, em 19 de julho de 2012.

Dessa maneira, a pesquisa, em um primeiro momento se motivou pela busca de tentar compreender a razão para tais esboços de resolução terem sido vetados no Conselho de Segurança pela Rússia e pela China. O incômodo gerado pela atuação da Rússia diante do conflito na Síria culminou em uma pergunta central e norteadora para a pesquisa: qual a motivação da Rússia em sua recente atuação na Síria?

A pergunta central já referida poderia gerar uma gama de respostas. Ao longo da pesquisa deparamo-nos com as mais diversas perspectivas para esse questionamento inicial. No entanto, a partir das pesquisas realizadas em torno do assunto chegamos a uma hipótese: A atuação russa na crise da Síria, em se contrapor a medidas multilaterais contra esse país, reflete não apenas interesses materiais estratégicos, mas sua relação histórica com o Ocidente. Segundo a hipótese da presente pesquisa, havia a necessidade de se comprovar, ou não, que a participação da Federação Russa no caso da Síria estava imbricada em questões mais amplas, por exemplo, em sua relação com o Ocidente. Contudo, em nenhum

momento descartou-se a possibilidade de sua atuação, também, estar conectada a questões materiais e estratégicas relacionadas apenas à Síria.

Nessa esteira, a fim de que a hipótese fosse, ou não, corroborada, alguns passos deveriam ser dados, um deles, primordial, seria escrutinar o histórico da relação entre Rússia e Ocidente desde 1991 até o presente momento, coincidindo com o fim da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa almejou buscar o entendimento acerca da atuação da Rússia no caso da Síria a partir da operacionalização da abordagem teórica construtivista, especialmente por meio da análise da conformação identitária, de interesses nacionais e da análise de discurso a fim de se ter uma possível resposta para a pergunta central.

A escolha da abordagem teórica não se deu por acaso. A preferência pelo construtivismo ocorreu pela busca em contribuir no âmbito da relação entre construção de identidade e conflito. Tal alternativa teórica seria a mais adequada para analisar o estudo de caso empírico proposto, tendo em vista que as teorias de Relações Internacionais tradicionais racionalistas não dão conta de explicar mudanças identitárias, que era o foco do trabalho. Afinal, as teorias tradicionais postulam que as identidades estatais são dadas exógenamente, e não construídas a partir da dinâmica interativa entre os Estados.

Um dos principais objetivos de identificar as mudanças da atuação russa no cenário internacional nos últimos anos estava imbricada na lógica de (re) construção identitária da Federação. A construção de identidade de um Estado está calcada em pressupostos de constituir o “eu” em detrimento do “outro”, ou seja, criar pares binários hierárquicos. Dentro desse espectro, essa relação entre pode criar ameaças, identificáveis, por exemplo, em discursos oficiais, pelos quais se tenta estabilizar a identidade e os interesses de um dado Estado. Nesse sentido, essa necessidade de se criar uma identidade (CAMPBELL, 1992) culmina na criação de um “outro” que pode se constituir enquanto uma ameaça e legitimar práticas agressivas por parte dos Estados. Para tanto, as relações modernas entre Estados gera a espacialização e a edificação de fronteiras, frequentemente, impõem-se limites entre o dentro e o fora.

Entretanto, viu-se também que, a construção identitária não necessariamente pode ser cristalizada em uma só maneira de ocorrer. Vimos com

Kubáľková (2001) que a construção da identidade estatal pode ocorrer por meio do diálogo, da identificação com um aliado e não apenas na construção de um inimigo. A construção da identidade por identificação pode ocorrer, como fora citado no capítulo onde a abordagem teórica é trabalhada, por exemplo, a partir da criação de discursos nos quais os Estados selecionam, de certa forma, características consideradas positivas no “outro”. Assim, essas características consideradas positivas são agregadas à percepção do “eu”. Entretanto, para que a identidade de um Estado seja construída a partir de um inimigo ou de um aliado, há a necessidade de que haja um contexto apropriado para que isso ocorra. O contexto e o imaginário social de um Estado são cruciais para que a sua construção identitária e de interesses seja realizada de forma plausível e que convença sua população.

Dessa forma, pudemos ver que não necessariamente, a identidade de um Estado se forma de uma maneira extrema, a partir de exclusões e de criação de inimigos. Com o fim da Guerra Fria e a eleição de Boris Yeltsin como presidente da Rússia, a Federação não estava mais incluída em um processo hostil de ter o Ocidente como seu inimigo, como seu “outro”. Sendo assim, a construção de uma nova identidade russa nesse período se conforma, não a partir da separação, pelo contrário, o contexto em que a Rússia se encontra é favorável para a construção de uma identidade de aliada do Ocidente. No início da década de 1990, a Rússia não mais rivaliza com o Ocidente, nesse contexto de euforia liberal, Moscou se alinha ideologicamente com o Ocidente e, inclusive, adota práticas ocidentalizadas.

O início da década de 1990 parece desfrutar de um ambiente de socialização acolhedor para a nova Rússia. Por conseguinte, a Federação implementa reformas econômicas liberalizantes, passa a fazer parte de instituições ocidentais como o FMI e o Banco Mundial. Além disso, no âmbito político, a OTAN que fora, durante a Guerra Fria, uma grande ameaça, na década de 1990 não desfruta mais desse *status*, inclusive, em 1991 a Rússia cogita a possibilidade de se unir à Aliança (THORUN, 2009). Ainda no início da década de 1990, a Rússia e o Ocidente cooperam em diversas áreas, a Rússia recebe auxílio financeiro do G7, passa a cooperar com a OTAN, e apoia o Ocidente em questões mais sensíveis como na crise nos Bálcãs.

Ou seja, escolhemos o construtivismo como abordagem teórica a ser operacionalizada para conferir uma resposta adequada à pergunta. Dessa forma, tem-se que a identidade e os interesses nacionais não são dados aprioristicamente às relações. Pois é ao longo da relação entre os Estados que o “outro” confere significado para a existência do “eu”. A escolha desta abordagem se fez em decorrência de seu potencial de realizar a análise da mudança do comportamento russo que vem de um alinhamento ideológico com o Ocidente no início da década de 1990 para um comportamento mais assertivo com relação ao mesmo.

Por meio de ações, o “outro” pode continuar a conferir um dado significado ao “eu” e ao contexto em que se inserem, ou pode muda-lo completamente, e foi o que aconteceu entre a Rússia e o Ocidente, especialmente, a partir de meados da década de 1990. A Rússia se aproximou do Ocidente ao final da Guerra Fria, e construiu uma nova identidade que pode ser observada na condução diferenciada de sua política externa. No entanto, a falta de retorno, e as ações ocidentais que, de certa forma, incomodaram a Rússia foram fundamentais para compreender, um comportamento mais assertivo da Rússia a partir de meados da década de 1990.

Nesse sentido, a abordagem teórica escolhida somada à investigação histórica realizada na pesquisa são cruciais para responder à pergunta central do trabalho. Essencial para a escrutinização da hipótese fora o levantamento de dados históricos que poderiam ou não colaborar para a corroboração da hipótese do trabalho. Neste capítulo de levantamento histórico realizou-se uma caminhada pela história do envolvimento entre Ocidente e Rússia desde 1991 até o fim da presente pesquisa. Ressaltou-se nessa seção, especialmente, os movimentos de aproximação e de afastamento entre a Federação e o Ocidente. A finalidade desta revisitação histórica fora a de tentar demonstrar, a fim de colaborar com a hipótese, que o relacionamento entre essas duas partes pode ter criado uma dinâmica conturbada culminando na percepção, por parte da Rússia, que ações ocidentais seriam consideradas ameaçadoras.

Tais asserções puderam ser comprovadas por meio da análise empírica e da lente teórica escolhida. Ações ocidentais tais como a expansão da OTAN para o Leste Europeu, a possibilidade as instalação da defesa antimísseis, a intervenção

na Líbia entre outros eventos levaram a Rússia a mudar de comportamento no que tange o Ocidente. Como já referido anteriormente, as ações do “outro” constroem significados para a existência do “eu”. Nesse sentido, a mudança de comportamento da Rússia pode ser compreendida, também, pelo contexto que se inseria. O Ocidente deixa de ser um contexto acolhedor e passa a ser a conjuntura que deixa a Rússia em segundo plano, que toma atitudes mesmo que estas desagradem a Federação.

Diante desse contexto que a Rússia, especialmente, a partir de 2000, deixa claro que seus interesses mudaram, bem como sua identidade. De acordo com Tsygankov (2013) a partir desse momento a Rússia passa a desfrutar de uma identidade pragmática cooperativa, não romperia seus laços com o Ocidente, mas seria mais assertiva na busca pela realização de seus interesses nacionais. É em 2000 que o novo presidente Vladimir Putin sanciona documentos oficiais nos quais a OTAN e o unilateralismo norte-americano são considerados ameaças aos interesses nacionais russos. Nesse momento, pode-se perceber que as ações do “outro” erodiram o contexto anterior e construiu um novo, e essa nova conjuntura estava repleta de significados negativos para Rússia acerca do Ocidente, e por isso sua posição muda.

Esse período não fora marcado apenas por tensões entre as partes, houve cooperação em diversos setores, até mesmo com a OTAN. Em 2001, a Rússia e o Ocidente encontram um ponto de afinidade bastante importante para o seu relacionamento, o terrorismo. Os atentados terroristas de 11/09 uniram as partes, pois encontraram um inimigo comum, tendo em vista que a Rússia havia identificado, a OTAN, por exemplo, como uma de suas ameaças externas. Entretanto, esse período não dura muito, pois apesar de reclamações advindas da Rússia, a OTAN continua a incluir novos membros da antiga esfera de influência da União Soviética. Outros pontos de tensão continuam a ocorrer nos anos seguintes como a retirada unilateral dos Estados Unidos do tratado ABM. Mais tarde, os Estados Unidos invadem o Iraque mesmo contra a vontade russa, e ainda mais porque o episódio não passara pela avaliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde a Rússia poderia exercer poder de veto.

Durante o segundo mandato de Vladimir Putin ainda houve outros momentos de tensão como o anúncio por parte dos Estados Unidos de que iriam implementar uma defesa antimísseis com radares e interceptores na Polônia e na República Tcheca. Nesse momento, apesar da identidade pragmática cooperativa da Rússia, seu governo passa a tender mais para o pragmatismo do que para a cooperação. Em 2008 mais um evento marca essa trajetória conturbada, a Geórgia e a Ucrânia são convidadas, formalmente, para se tornarem membros da OTAN. A resposta russa fora de tal forma agressiva que a Aliança desistiu de incluir esses países. No mesmo ano a Rússia invade a Geórgia, e a tensão aumenta.

A partir de 2009, quando o presidente russo já era Dmitry Medvedev a relação com o Ocidente parece se acalmar, especialmente, após o que se chama “reset” nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos (SIMES, 2009). Nesse momento, as partes se aproximam e põem em prática mais diálogo e cooperam em algumas áreas. Cabe lembrar que, Medvedev é reconhecido por conduzir a política russa por um viés mais liberal que seu antecessor, Putin, reconhecidamente mais nacionalista estatista. No entanto, a variável que não muda entre as gestões é o fato de a Rússia buscar ser reconhecida enquanto uma grande potência. Apesar de, talvez, a Rússia não poder ser considerada uma grande potência, ela assim se projeta no cenário internacional, e assim quer ser reconhecida. Por isso, é latente sua busca incessante de ser necessária nos assuntos de grande relevância da política internacional. Na administração de Medvedev a maior mudança é a maneira pela qual o objetivo de fazer a Rússia ser considerada enquanto uma grande potência tenta ser alcançado.

A identidade russa permanece a mesma, consegue-se estabilizá-la. A federação permanece pragmática cooperativa, mas com Medvedev a proporção dessa dupla de fatores parece se alterar. A administração de Medvedev parece estar mais disposta a cooperar, a capitalizar as relações com o Ocidente, e assim se vê que durante seu mandato a Rússia parece estar mais participativa nos assuntos internacionais, especialmente nos fóruns multilaterais, além de dialogar mais com o Ocidente. O contexto também está mais propício para essa mudança de atitude da Rússia, já que os Estados Unidos propõem negociar mais com a Rússia, até mesmo na questão da implementação da defesa antimísseis.

É nesse contexto que se inicia a crise na Líbia, que consiste na terceira parte da pesquisa. Sendo assim, neste terceiro movimento coube a realização da investigação de um caso comparativo, que fora o caso da Líbia. O caso da Líbia fora escolhido como padrão comparativo, pois pode ser considerado um caso no qual a Rússia atuou de maneira esperada, dadas as condições de possibilidade já descritas. Isso quer dizer que, mesmo a Líbia sendo uma aliada histórica da Rússia desde os tempos de Guerra Fria, diante de uma situação de crise humanitária, a Rússia não bloqueou ações que pudessem resolver, ou, pelo menos, amenizar a situação dos civis líbios. O que a Rússia não esperava era que, ao se abster na resolução 1973, especialmente, França e Reino Unido entenderiam a resolução em questão como um “cheque em branco”. Dessa forma, diante da intervenção ampla que ocorreu, a Rússia mais uma vez sentiu-se traída, e mais uma vez a dinâmica das relações muda o contexto e abre espaço para o retorno de um comportamento mais pragmático por parte da Federação.

O quarto e último passo do trabalho, mas não menos importante, fora a investigação mais acurada da atuação russa no caso da Síria. No capítulo que compete esta verificação investigou-se a relação entre União Soviética e a Síria, e depois a relação entre esse país e a Rússia. Da mesma forma, averiguou-se outras hipóteses que competiam com a proposta nesta pesquisa, como, por exemplo, a de que a atual posição russa diante da crise da Síria era motivada por questões comerciais ou mesmo estratégicas, pura e simples.

No entanto, a hipótese central da pesquisa previa que fatores materiais, como o comércio de armamentos entre Síria e Rússia deveriam sim entrar no cálculo, assim como o porto de Tartus concedido à Rússia ainda durante a Guerra Fria. Tais cálculos materiais não foram descartados da equação, mas as questões ideacionais eram de suma importância para a corroboração da hipótese. Para tanto, nesta seção investigou-se com mais profundidade, e com a operacionalização da abordagem teórica proposta no primeiro passo do trabalho, a relação da Rússia com o Ocidente e como isso poderia ter afetado as avaliações do Kremlin para adotar uma dada postura diante da crise na Síria.

Dessa forma, a partir do escrutínio das vias pelas quais foram escolhidos os meios para se tentar responder à problemática levantada pela pesquisa e para

avaliar se a hipótese se revelaria verdadeira ou não, quatro passos foram implementados: 1) análise teórica; 2) histórico da relação entre Rússia e Ocidente desde 1991; 3) analisar o caso da Líbia e verificar um padrão normal de atuação russa; 4) operacionalização da abordagem teórica no caso da Síria para fins de responder a pergunta central.

A implementação dos quatro passos dispostos, referentes aos quatro capítulos da presente discussão viabilizaram, por ora uma conclusão. Demonstramos a partir das investigações que de fato, o fator identidade é de suma importância para a compreensão de determinados casos. Com o objetivo primordial de compreender a atuação da Rússia no cenário de crise na Síria a operacionalização da abordagem teórica fora crucial. Conclui-se que a sua busca por ser reconhecida enquanto uma grande potência e de estabilizar sua identidade enquanto tal pode levar a Rússia a tomar atitudes mais hostis com relação ao Ocidente. Aparentemente, esse interesse primordial da Federação faz, de alguma forma, com que este Estado se comporte de maneira soviética.

As ações do “outro” trazem significados para o “eu”, tendo em vista o acúmulo de frustrações russas com relação ao Ocidente isso gera a erosão de um contexto amistoso e o substitui por um de rivalidade e animosidade entre essas partes. Demonstrou-se a partir do retrospecto histórico que o imaginário russo com relação ao seu “outro” pode ser alterado conforme as ações do Ocidente mudam, acomodam, e reconhecem a Rússia como um par.

Ao longo da pesquisa surgem outros questionamentos, mas devido às limitações do escopo da presente dissertação não podem ser respondidas aqui. Porém, o levantamento de novas perguntas ao entorno desta investigação podem se desdobrar em futuros trabalhos.

O caso empírico evidenciado nesta pesquisa, a crise na Síria e a postura da Rússia diante da mesma, não possui ainda um fechamento. A crise se encontra em andamento, e a Rússia parece não estar disposta a mudar seu posicionamento com relação a mesma. Dessa forma, não se sabe, por exemplo, qual será o impacto disso para o futuro da relação entre a Rússia e os Estados Unidos, ou mesmo com a União Europeia. Muito menos cabe fazer prescrições acerca do próprio futuro da

Síria, caso nada seja feito para que o conflito chegue ao fim, ou ao menos seja amenizado.